

Rev. 24-3-1925

EM DEFESA DO INDIO

E DAS

FAZENDAS NACIONAES

DISCURSOS

Pronunciados na Camara a 28 de Novembro, 19, 28
e 30 de Dezembro de 1924

PELO

DEPUTADO BASILIO DE MAGALHÃES

PRECEDIDOS

de uma carta-prefacio de L. B. Horta Barbosa, e seguidos
de um Appendice, contendo uma carta
de Teofilo Leal sobre a pacificação dos Parintintins
e outros escriptos



RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1925



A' Log.: Cap.: Caritas
ofc.

L. B. Westra *Wester*

Pris. 23de Aristoteles 7137
20 - III. 925.

CARTA-PREFACIO

Caro e bondoso amigo Basilio de Magalhães.

Os nossos amigos encarregam-me de transmittir-te os seus agradecimentos pela satisfação que lhes déste ao consentir que mandem tirar em impresso avulso os quatro ultimos discursos que proferiste o anno passado na Camara dos Deputados, e eu desempenho-me gostosamente dessa incumbencia que me dá novo ensejo de reiterar as effusões da minha alegria por te vêr á frente deste movimento de defesa da obra de Protecção aos Indios, á qual tanto desejo e ainda espero servir

A carta que me enviaste, do meu amigo Teófilo Leal, será, com o artigo que a acompanha, juntada em appendice (*) ao projectado opusculo. Assim satisfaço os teus votos de aproveitar a magnifica occasião que te foi offerecida de tributar despretenciosa homenagem aos nomes e aos feitos dos modestissimos obreiros que lá no fundo dos sertões desconhecidos de nossa Patria dão-se a todos os perigos e mortificações só pela ancia de verem realisado e concluido um commettimento tão difficil e arriscado como esse da pacificação dos Parintintins.

Como viste no artigo em questão, já começam a apparecer em torno dos promotores desse empreendimento versões tendentes a distribuir as palmas da primasia e da gloria de accordo com as bem ou má querenças de cada narrador. Tal phenomeno não nos deve certamente irritar; nós o tomamos como indice inevitavel do grande vulto e do alto apreço em que, nas regiões e nas populações em que elle se verifica, é tido o facto principal. Comtudo, e mesmo pela alta significação de tal realiação, cumpre repôr a questão nos seus verdadeiros termos, lembrando que seja qual fôr o valor real e incontestavel de cada obreiro, o merito fundamental e gerador de toda a obra cabe ao methodo, ao plano geral da acção, á traça que foi seguida e sem a qual nada se faria, por mais talento, boa vontade e applicação que se tivesse. Ora, esse methodo brotou, no Brasil, do coração e do cerebro de um homem unico, que para o crear combinou a rispida e afanosa experiencia de mais de 30 annos de ininterrupto

(*) V. no Appendice a letra A.

convívio com os sertões, com as inspirações de uma sábia e grande doutrina, a Religião da Humanidade, que lhe deu a chave da alma humana e lhe patenteou os arcanos dos phenomenos sociais da nossa Espécie, desde os primeiros e rudes passos dos povos primitivos até os esplendores da civilização occidental dos nossos dias. Esse homem é o general Rondon, creador de uma grande escola cimentada com a argamassa indestructível do exemplo dado pela pratica incansavel de redobradas acções, ora pacificadoras, ora protectoras, desdobradas no seio das mais aguerridas tribus do nosso *hinterland*.

Dado o exemplo e o impulso, não lhe faltaram dignos discipulos, prova de que a terra do Brasil é prodiga em produzir almas proprias a seguirem os passos dos grandes conductores a altas empreendimentos. E os fructos maravilhosos começaram a ser colhidos por todos os cantos do solo nacional, com a pacificação dos Uaimirys, dos Coroados, dos Botocudos, dos Barbados, e de tantos outros, até desfechar, por fim, nesse dos Parintins. E cada nova conquista é novo lustre para a escola e para o nome do fundador. Elle é um só; os discipulos são muitos e ainda poderão ser mais. Só elle faria o que fez: a parte de cada discipulo pôde ser feita por qualquer outro, e já se tem verificado o caso de serem algumas dellas começadas por um e terminadas por outro.

O Maicy-mirim foi theatro em que mais uma vez se verificou o que estou dizendo. De um lado, a pessoa designada para tomar os encargos dos primeiros trabalhos, o Sr. Curt Nimuendajú Unckel, já havia visto em acção esse methodo como subordinado que foi da Inspectoria de S. Paulo durante quatro annos, e depois sob a direcção do inolvidavel Pedro Ribeiro Dantas, na formidavel tentativa de pacificar os Urubús do Maranhão. Portanto estava elle no conhecimento dos processos e do pensamento director que havia de applicar para attingir o fim collimado, embora, uma vez empenhada a acção e chegada a sua phase critica, houvesse descrido da efficacia do methodo e entrasse a propor a adopção de novas normas, fundadas no espirito da *disciplina* germanica. Não foi, não podia ser aceita tal innovação; por isso a direcção passou para mãos brasileiras, que se conservaram submissas e fieis ás inspirações do pensamento e do sentimento brasileiros, com os quaes se alcançou a méta desejada e prevista.

De outro lado, a preparação, o acondicionamento, a direcção superior, os conselhos para estimular, conter ou corrigir a acção: a escolha, a vigilancia sobre o pessoal, e mil outros cuidados que escapam á enumeração, constituem a parte do chefe da repartição, de quem ,afinal, tudo depende. Esse chefe, no caso em apreço, foi o inspector Bento Lemos. Mas quem, antes e melhor do que elle mesmo, terá dito que o seu merecimento em tudo que fez, e a sua salvaguarda, residem pura e simplesmente em ter seguido os ensinamentos do general Rondon e dado religiosa execução ao regulamento, ás instrucções e ás directrices da repartição de que é digno e consciencioso funcionario?

O general Rondon, nas margens do Juruena, teve suspensa de um fio a sua vida e todo o desenvolvimento de sua gloriosa carreira, que se salvaram graças a pequeno desvio de uma flexa

nhambiquara. Haurindo na lembrança desse mesmo perigo novas inspirações para redobrar no talento de bem fazer, elle tornou-se incansavel na multiplicação dos actos pelos quaes os nhambiquaras haviam de acabar transformando-se em amigos seus e de todos os que em sua companhia ou sob seu commando varavam a grande região sertaneja, depois denominada Rondonia. Não coube a elle, no entanto, a satisfação de ter o primeiro encontro pacifico com representantes dessa tribu. Foi isso reservado ao então tenente Julio Caetano Horta Barbosa, quando certo dia se achou só em plena floresta, onde pouco tempo antes haviam sido flexados dois collegas seus, (*) e viu um grupo de indios, dos quaes se poude aproximar e com os quaes convervou, por mimica, durante bastante tempo, enquanto juntos percorriam a trilha que ia para a aldeia ainda não devassada por olhos civilizados. Dir-se-ia, por isso, que a pacificação dos nhambiquaras é obra deste official e não do general Rondon?

Neste exemplo é facil destacar o papel de cada qual com frisante realce, graças á grandeza dos personagens, da scena e do theatro. E' innegavel, porém, que nelle temos o critério para dar a cada chefe e a cada subordinado o galardão que lhe cabe na realisação dos empreendimentos que tiveram a felicidade de levar a termo. E' esta justiça que o meu amigo Teófilo Leal deseja que não falte ao inspector Bento Lemos e aos seus cooperadores na pacificação dos Parintintins; é a ella que nós cordialmente nos associamos, tu enviando-me a carta a que já me referi, e eu appensando-a a este volume.

Entro agora a considerar alguns dos assumptos que vieram á tona da discussão, trazidos pelos teus discursos, e o faço na pura intenção de os esclarecer e de os tirar um pouco da sombra em que fenecem, tristes e inglorios, como tantos outros factos que interessam á nossa terra e á nossa gente. Não o faço na intenção de polemisar.

Ao tratar da construcção da estrada que o governo federal projecta abrir de Caracarahy a Boa Vista, no Rio-Branco, aventaste a ideia de ser o Serviço de Protecção aos Indios encarregado de executar ou de superintender a execução das obras respectivas. Ora, eu só posso conceber que semelhante ideia te houvesse occorrido, e que os debates em torno della tivessem tomado o rumo que tomaram, pelo erro a que todos são induzidos pela atoarda que sempre associa o nome do Rio Branco ao dos Macuxis, Jaricunas, Uapixanas, Vayevés e ao de outras tribus aborigenes. Isso, na verdade, faz acreditar que toda aquella região é habitada por selvagens, alguma coisa assim como o era a região entre o Tieté e o Paranapanema, ao tempo em que os mappas de São Paulo a abrangiam sob o titulo de *região desconhecida e habitada por indios*, ou o sertão do Juruena e da Serra do Norte, ou ainda a do Maicy-mirim e do Marmellos (onde ha tambem um rio Branco), zonas dominadas pelos Parintintins e pelos Odyahuebés. Tal comprehensão a respeito daquella parte do nosso territorio parece-me que foi bem stereotypada nos termos de um telegramma que a classifica de *feroz trecho da patria* e formula

(*) V. no Appendice a letra B.

a esperança de que agora seja elle *articulado ao acervo das con-*
quistas communs dos brasileiros.

Ora, não ha nada que mais se afaste da verdade do que a pintura que assim se faz daquella região. A estrada de Caracarahy a Bôa Vista terá de percurso, no maximo, 20 leguas, e destas, mais da metade será em campo aberto. Em todo esse percurso ella ficará dentro do municipio do Rio Branco, o qual não sei como possa ser classificado de feroz, nem porque se o ha de considerar como ainda não articulado á communhão brasileira. De um relatorio que existe no Ministerio da Agricultura, consta que, no anno de 1920, o orçamento desse municipio consignava a receita de 103.030\$231; que a sua exportação foi de 7.021 bois; de 3.593 kilos de carne secca; de 948 couros; de balata e outros productos florestaes. Em seu territorio existiam 247 propriedades agricolas e pastoris, e nellas: 238.000 bovinos; 15.000 equinos; 3.000 ovinos; 1.000 caprinos; 2.000 suinos e 100 asininos.

Penso que destes dados resultará a evidencia de que o departamento administrativo que tem por séde Bôa Vista do Rio Branco, nada tem do aspecto selvatico que aqui se suppõe. Ha, sem duvida, muito que fazer em seu beneficio, como seja instalação de meios seguros e regulares de transportes, telegraphos, correios, etc.; mas essas são melhorias reclamadas e tornadas urgentes exactamente porque o territorio e os seus habitantes pertencem á communhão brasileira e não podem viver segregados della, não porque tenham de ser tirados da barbaria e conquistados para a civilisação. E', ao contrario, um trecho do Brasil que conhece o valor da civilisação e a estima; mas que se acha privado dos seus beneficios e os deseja adquirir.

Só muito acima de Bôa Vista, para a região das serras, encostada ás fronteiras da Venezuela e da Guayana Inglesa, é que se adensa a população aborigene. Mas nem por isso dariamos nunca a esse trecho do nosso territorio o qualificativo de *feros*, visto serem as tribus que o habitam de indole docil e pacifica. Quasi todas cultivam relações comnosco e as que o não fazem directamente, valem-se das outras como intermediárias. Por isso mesmo, as suas aldeias têm sido visitadas muitas vezes, cousa relativamente facil, porque os proprios indios levam os visitantes, pelos rios, em canôas, ou por seus caminhos, carregando ás costas as vidualhas, os materiaes e o mais que fôr preciso. Demais, só como lugares de habitação permanente é que taes paragens são privativas dos indios: as suas mattas, porém, são frequentadas por extractores de borracha e de balata, que não só entram em concorrência com as tribus, mas tambem as procuram eliminar.

Para sertanistas que, sem outros recursos sinão os que levavam consigo e sem outro auxilio sinão o que podiam tirar das suas proprias forças, tiveram de romper florestas como as do Juruena, da Serra do Norte, do Gy-Paraná e Jamary, ou outras menores, como as do rio Feio, a da Poaya, a do rio Hercilio, etc., viajar como se viaja na região das malocas do Rio Branco é simples passeio e por mais pesados que se nos afigurem, a nós das cidades, os sacrificios arrostados em taes viagens, elles nunca

darão lugar a impressões analogas ás que se teem de affrontar e vencer nos lugares realmente bravios.

Todavia, o que mais me interessa aqui, é mostrar-te que o alto Rio Branco, do ponto de vista de quem tem, como nós, de trabalhar com indios, só começa a prender a attenção muito depois de Boa Vista, para o lado das cabeceiras dos rios. Portanto, si os funcionarios da nossa repartição fossem tirados para se absorverem em trabalhos na zona que tem de ser percorrida pela estrada de Caracarahy a Boa Vista, ficariam deslocados do campo da sua acção legitima, e os serviços que lhes incumbem, privativamente, por força do seu regulamento, resentir-se-iam de abandono. Seria situação nada desejavel para um verdadeiro funcionario da repartição dos indios, e tenho quasi certeza de que a Directoria tomaria a iniciativa de expor a quem de direito, quantos e que serios embaraços traria em seu bojo tal innovação.

Cuidar dos indios, e executar em seu beneficio o nosso regulamento, só a nossa repartição o pôde fazer; mas construir estradas em regiões accessiveis á actividade do homem civilisado, é cousa exequivel por qualquer dos meios utilizados para analogo fim nos demais pontos do nosso territorio. Aceitar encargo nessas condições, seria, pois, desertarmos da missão que nos foi confiada.

Demais, no municipio de Boa Vista ha outros departamentos da administração publica federal, taes como a Industria Pastoril, que lá mantem, si me não engano, uma estação de monta; o Departamento da Saude Publica, representado por uma secção da Prophylaxia Rural; e o Ministerio da Guerra, com um destacamento militar. Examinando o character e a natureza dos encargos de cada uma destas repartições, parece-me que nenhuma tanto como a da Guerra estaria indicada para superintender essas obras, que dizem directamente com o problema vital das communicações e transportes em direcção de uma zona de fronteiras. Tambem parece-me que só consideradas por este prisma é que taes obras pôdem ser tidas como devendo cahir na esphera de acção do Governo Federal; porque, fóra disso, dar-se-ia o que se vê em qualquer outra parte do territorio nacional, isto é, ninguem perderia de vista que ellas se destinam a uma estrada de ligação de dois pontos de um unico e mesmo municipio.

Depois do Ministerio da Guerra, creio que nenhum outro estaria mais naturalmente indicado para tomar a si esta tarefa, do que o da Viação, não só por ser esse o seu proprio dominio, mas tambem porque delle se deve esperar que não retarde mais a criação de linhas postaes permanentes e regulares para Boa Vista nem a deixe por mais tempo sem ligação telegraphica com Manáos. Está claro que a Viação poderia adoptar para a realisação de taes trabalhos qualquer dos meios em uso por todo o paiz, a começar pelo contracto com a empresa industrial que a tanto se propuzesse. E' regimen normal e corrente em nossa administração publica, innegavelmente muito correcto e fecundo, emôora não se me afigure ser a *única maneira pratica e moral* de realizações dessa natureza, como pareceu a distincto deputado.

Deixo, porém, esta questão, que só ventilei pela necessidade em que estava de esclarecer que em nenhum casó o Serviço de

Protecção aos Indios aspira a ser desviado dos seus trabalhos regulamentares e da sua missão, para incumbir-se da feitura de obras publicas que podem, com todo o proveito, ser dadas a qualquer das emprezas industriaes que para tal fim existem no paiz e no estrangeiro.

Entro agora a apreentar alguns reparos a uma serie de affirmações que se formularam na Camara, em apartes e em dis-curso, a proposito da Inspectoria de Indios no Estado do Amazonas. Dentre taes affirmações, algumas ha que encerram verdades, as quaes muitos nos agrada ver reconhecidas e proclamadas por pessoas insuspeitas de qualquer eiva de parcialidade a favor da repartição de que nós, simples e modestos brasileiros, somos funcionarios; outras, porém, são puros erros, erros de factos e não de apreciações, que precisam e devem ser rectificadas, quando mais não seja para satisfação dos que na realidade amam a gente e a terra do Brasil.

A' primeira cathogoria, pertencem as duas affirmações seguintes:

1.^a *Na séde do municipio do Rio Branco, o Serviço de Protecção não actua; a repartição ali é um mytho.*

2.^a *O serviço de catechese no Amazonas é feito apenas pelas missões religiosas.*

Que actuação poderia ter o Serviço de Indios na séde do municipio do Rio Branco, isto é, na villa de Bôa Vista? Não é ali que lhe cumpre estar, mas sim no interior, para o centro das zonas effectivamente habitadas por indios. E' nos estabelecimentos que elle fundou e mantem naquellas paragens que se o devia esperar encontrar e é onde realmente se o encontra. E o que se verifica, assim, no Rio Branco, é o que se repete por toda a extensão do territorio nacional, onde quer que se implante algum dos 47 estabelecimentos pelos quaes o Serviço exerce a sua benéfica e muito real acção protectora. Assim, por exemplo, (e tomo os exemplos a esmo) os empregados do posto de protecção Phe-lippe Camarão não se acham installados na cidade ou villa de Vizeu, mas sim em pleno sertão do Gurupy; os do Posto Guido Marlière, de pacificação dos Crenacs mineiros, em vão seriam procurados em Resplendor ou em Natividade, pois só se encontram do outro lado do rio Doce, nas mattas do Eme; não em Baurú, nem em Pennapolis ou Glycerio, mas sim em plena floresta do rio Feio, vêem-se os encarregados da pacificação dos Caingangs paulistas; tambem não é em Hammonia, mas sim nas margens do rio Plate que vivem os que zelam pelos Botocudos catharinenses: e assim por diante, para cada ponto do territorio brasileiro em que se poudé installar o Serviço. E' no interior das terras habitadas por indios, é nos sertões que elle actua, e não nos povoados, villas e cidades.

A este proposito acóde-me á lembrança um episodio que se deu entre mim e illustre personagem, que no momento occupava alto posto na hierarchia administrativa do paiz. Dizia elle a varias pessoas, que o ouviam com o maximo acatamento, e entre as quaes estava eu:

— Não creio que empregados civis, funcionarios publicos, se resignem a permanecer em lugares ermos, habitados por selvi-

colas. Deixam ficar-se nos povoados e cidades desfructando o sosegado conforto da civilisação.

Com a vehemencia que me é insopitavel quando me fere qualquer clamorosa injustiça, retorqui incontinenti:

— V. Ex. tem nas mãos os meios de verificação immediata. Mande pessoa de sua confiança a qualquer dos estabelecimentos do Serviço. Si o emissario de V. Ex. não encontrar nesses estabelecimentos, com residencia permanente, os seus respectivos empregados, eu me demittirei do serviço publico.

Infelizmente a cousa não passou disto. Mas si o meu alvitre tivesse sido acceito e executado, o emissario que fosse ao Rio Branco veria confirmada a minha cathégorica asserção, porque na villa de Boa Vista, ao que se infere do que foi dito na Camara, nem noticia lhe saberiam dar dos empregados e da repartição, a qual é ali puro mytho, consoante ao incisivo depoimento a que me estou reportando.

Passando á segunda das affirmações acima indicadas, importa ella em acto de justiça, em valiosa homenagem prestada ao Serviço de Protecção. Confirma-se, por ella, que a repartição não infringe o seu regulamento na parte em que este lhe véda toda e qualquer intromissão em materia de catechese, isto é, em materia de pregação ou propagação de doutrinas, de opiniões e de praticas a ellas exclusivamente ligadas.

Melhor do que isso, porém, é a parte positiva da proposição, a que estabelece que ha no Amazonas um serviço de catechese executado por missões religiosas. E' uma verificação valiosissima dos principios, aliás decorrentes da nossa Constituição Politica, que sempre sustentaram os promotores e organisadores da protecção republicana aos selvícolas, a saber: que ao lado da acção protectora do governo, de caracter exclusivamente temporal, pôde perfeitamente existir e desenvolver-se a de diffusão de qualquer fé ou credo, feita pelos seus órgãos naturaes e legitimos. Nestas condições, a revelação que agora nos é feita de que semelhante acção existe e se desdobra livremente no Amazonas, é de molde a nos encher de alegria; ella constitue esplendida confirmação da theoria sobre que assenta a instituição do Serviço de que somos fervorosos partidarios.

Como ella, ha casos que podem ser citados em abono da mesma theoria, occorridos em outros Estados. Limitar-me-hei aqui a citar um só desses casos, e escolho-o por se ter dado tambem com representantes da Ordem de S. Bento.

Em 1921, o actual abbade do mosteiro de S. Bento em São Paulo, achava-se em Conceição de Itanhaem, com certeza no desempenho de deveres de sua profissão. Ali recebeu convite dos guaranys do aldeamento do Bananal, de ir lá ter com elles, afim de praticar casamentos, baptizados, etc. Aceito o convite e concertadas as condições da viagem, no dia combinado, 24 de Agosto do referido anno, achava-se o abbade na localidade de Peruhibe, onde o vieram buscar os indios. O trajecto para a aldeia foi realizado carregando os selvícolas o frade em uma rêde. Lá chegado, houve muita festa, muita alegria, ao menos da parte dos indios; realizaram-se os actos religiosos, dos quaes, infelizmente, não consta menção alguma nos livros da matriz de Itanhaem,

nem o Sr. abade pôde actualmente fornecer certificados, por não haver tomado os necessarios apontamentos. Embora desta não tenha havido, naquella aldeia, outra visita de representante da Igreja Catholica, não obstante a facilidade do meio de conducção desfructado pelo digno abade, e só por elle usado, comtudo ficou bem evidenciado que a catechese se pôde livremente exercer ao lado da protecção official.

Quem nos dera que fossem sempre assim, accordes com a realidade dos factos, as affirmações pronunciadas na Camara, e com as quaes nos temos de occupar! Infelizmente assim não é, e por o não ser, temos de iniciar agora uma longa serie de rectificações que não sei si não se tornarão logo tediosas. Esforçar-me-hei por evitar semelhante escólho, e nesse intuito não trepidarei em cortar cerse na materia, tendo sempre na lembrança que estou a escrever uma simples carta e não um relatório. Muita cousa será dita com um simples exemplo ou numa só allusão, que na realidade occupa paginas e paginas de documentos existentes no archivo da Repartição.

E' a primeira rectificação exigida pelo asserto que a respeito da Fazenda Nacional de S. Marcos se fez, de ter sido ella — “ha poucos annos administrada pelo Sr. Alfredo Freitas, empregado zeloso e competente, passando depois a cargo da Inspectoria de Indios.” — Sobre isto, a realidade é esta: São Marcos, como as demais fazendas nacionaes do Rio Branco, eram administradas pelo Ministerio da Fazenda. Passaram, creio que em 1914, para o da Agricultura, e em Fevereiro de 1915 foram por este ministerio entregues ao Serviço de Protecção aos Indios. Entrando a administrar S. Marcos, o Serviço de Indios designou para o cargo de capataz ou administrador o diarista Alipio de Freitas (e não Alfredo, como se lê no *Diario do Congresso*), o qual, no desempenho dos seus deveres de empregado da mencionada repartição, e por ella dirigido, guiado e mandado, fez jús aos elogios que foram proferidos na Camara e a outros que não tardaremos a vêr.

Ha, pois, no asserto que estou rectificando, uma inverdade e uma injustica. A inverdade é dizer que a administração de São Marcos passou de Alipio de Freitas para o Serviço de Indios, quando si esteve com Alipio foi porque estava com o Serviço, de quem elle era empregado. A injustica é não reconhecer que o Serviço partilha do merito ou dos meritos que se reconhecem e proclamam na acção do seu mandatario.

Segunda rectificação tenho de oppor ao seguinte: “quando a fazenda de S. Marcos foi entregue á Inspectoria de Indios, contava para mais de 6.000 cabeças de gado. Hoje é corrente que esse numero orca por 4.000.”

A entrega de S. Marcos ao Serviço de Indios fez-se, como é de praxe e de stricta exigencia regulamentar em casos taes, mediante inventario e arrolamento de todos os bens moveis, immoveis e semoventes que lá existiam, e esse documento acha-se na Directoria Geral de Contabilidade do Ministerio da Agricultura, por ser ella o órgão superior pelo qual se exerce a fiscalização do Ministro sobre assumptos desta natureza. Pois desse documento o que consta é que havia, em Fevereiro de 1915, data do recebi-

mento da fazenda pelo Serviço, 3.842 cabeças de gado vaccum e 25 equinos. Alguns dias depois dessa entrega, assignalaram-se mais 32 cabeças, que foram marcadas com o ferro da fazenda. Em Dezembro, já o balanço accusou o total de 4.332 rezes.

Em 1918, procedeu-se a novo inventario, presidido pelo Sr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, 1º official da Directoria de Contabilidade, e por elle verificou-se a existencia de 6.386 bovinos, 28 equinos, 22 ovinos, 29 suínos, 20 gallinaeos. Nesse mesmo anno, mediante a necessaria autorisação do Sr. Ministro, e preenchidas as exigencias da contabilidade publica, foram vendidos 300 bois e o respectivo producto, 28.500\$000, foi recolhido á Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional, em Manãos.

Vê-se, assim, que é bem grande a differença entre a realidade dos factos occorridos em torno da administração de São Marcos pela Inspectoria de Indios, e o que sobre ella se affirmou na Camara. É preciso notar que os meus numeros não são de origem anonyma e irresponsavel; exprimem resultados de operações fiscalisadoras, levadas a termo por funcionarios da alta administração do paiz. Esses funcionarios, para o desempenho de sua missão, transportaram-se para aquella região e lá se demoraram mezes seguidos, expostos a immensos incommodos e a graves doenças, das quaes não escapou o que lá foi depois do Sr. Teófilo Leal, o malgrado José de Paiva Magalhães Calvet.

Ao contrario disso, os numeros enfileirados contra a repartição federal, não teem paternidade declarada, procedem do — *é corrente*. — Parece-me claro que tornando expressa tal origem, quiz quem os apresentou á Camara, resguardar-se da imputação de os haver engendrado. Fez bem. Mas seja-me permitido dizer que melhor ainda faria si não offerecesse esse pasto á má indole e á maledicencia de tanta gente que só possui um merito, e talvez nem saiba aspirar a outro, o de procurar por todos os meios apoucar, deprimir e apagar o merecimento real dos que, no Brasil, trabalham e produzem.

Não param ahi, infelizmente, as clamorosas denegações de justiça aos esforços de minha repartição para bem desempenhar-se da missão que lhe foi confiada no seio da Patria Brasileira. Ha mais ainda. Em aparte ao discurso de 28 de Dezembro, foi dito: *Não ha actuação do Serviço de Indios no Amazonas.*

Com o relatório do Inspector daquelle Estado na mão, referente aos trabalhos de 1923, (porque o de 1924 ainda não chegou de Manãos) mostrarei quanta inverdade ha em semelhante affirmação. O difficil é resumir e escolher, em tão vasto campo de informações precisas e valiosas como são as contidas no alludido relatório, da lavra do digno funcionario Sr. Arthur Bandeira. Preferirei o que se referir ao alto Rio Branco, só para não sahir da região sobre a qual versaram os debates que deram lugar a esta celeuma.

Dos nove estabelecimentos que a Inspectoria do Amazonas fundou e mantém em regiões habitadas por indios, á maioria dos quaes só se chega pelos meios de transporte creados pela propria Inspectoria, tomarei para primeiro exemplo o que existe na sede da administração da fazenda de S. Marcos, e para dar ideia do que nelle se faz em poucas, mas incisivas palavras, valer-me-

hei do seguinte documento, escripto no livro de visitas daquelle proprio nacional:

“De passagem pela fazenda nacional de S. Marcos, fiquei admirado pelo muito progresso produzido e sustentado pelo zelo e dedicação do digno e illustrado senhor administrador e seus auxiliares, fazendo votos que Deus continue a abençoar os abnegados esforços de senhor Alipio e seus companheiros na iustrução dos Indigenas e propagação dos bons métodos — na agricultura e pecuaria. São Marcos, vinte e seis de Julho de mil novecentos e dezenove. — *Rupérto A. Rundolf*, O. S. B. Abbade.”

Comparado com o muito que podemos dizer a respeito de S. Marcos, e de cada um dos seus *retiros*, do ponto de vista da Protecção aos Indios, o que ahi fica, nada é. Mas é preciso ter coragem de cortar, e é o que faço desde que por uma citação decisiva fica estabelecido que existe a negada actuação da Inspectoria de Indios no Amazonas.

Vejamos mais, tambem a *vol d'oiseau*, um outro estabelecimento da mesma Inspectoria no alto Rio Branco. E' o posto do Surumú, situado no pontal do rio deste nome com o Cotingo. Destina-se elle a proteger as populações indigenas de *Contam*, *Côcho*, *Guariba*, *Barro* e *Pracoá*, visando, sobretudo, evitar serem ellas victimadas pelos abusos e violencias dos *balateiros* vindos da fronteira da Venezuela. Com a vigilancia exercida na vasta região, impedem-se as depredações contra as lavouras e propriedades dos indios, as invasões das suas malocas, o rapto de suas mulheres e filhas, e assegura-se-lhes a posse das mattas em que existe a preciosa e muito cobiçada balata.

A população indigena fixada no Posto não excede de 64 pessoas, das tribus Macuxy, Jaricuna e Uapixana. As plantações cobrem a área de 30 hectares e a criação, incipiente, conta 53 cabeças de gado vaccum e 8 equinos.

Nas aldeias a população é muito maior: só em *Contam* ha mais de 200 indios. As lavouras, em cinco aldeias, abrangem a área total de 223 hectares, e a criação de gados, de iniciativa do Serviço, já attingia, em 1923, a 291 bovinos e 26 equinos.

Insiro aqui uma breve nota sobre a população indigena do Rio Branco. Compõe-se ella de muitas tribus, das quaes as mais conhecidas são as dos Macuxys, Uapixanas, Jaricunas e Ingaricós.

Os Macuxys sempre habitaram os campos e por isso foram os primeiros a entrar em relações com os civilisados, que os escavisaram.

Os Uapixanas habitam principalmente as serras de lèste, e ainda hoje ha grande parte delles na serra Quano-quano, ou Canucurutá, como a denominam. Pela solução que teve o nosso litigio com a Guyana Ingleza, esta serra passou, hem como todo o rio Pirarare, para o dominio inglez. São duas regiões de grande população indigena, considerada até então como brasileira. Creio que á parte della que ainda lá tem as suas moradias, agora sob a sombra do pavilhão britanico, é que se deve a lenda que representa a população inteira do Rio Branco como attrahida para a Guyana, a ponto de só falar o inglez e não o nosso idioma. São coisas que visitantes de longes terras contam aos que nunca foram, nem irão a ellas. Praticas conhecidas, que já immortaliza-

tam muitos viajantes illustres, a começar por Fernão Mendes Pinto, cujo nome prestou-se a admiravel epigramma, mediante simples substituição de uma unica letra.

As tribus dos Ingaricós e dos Jaricunas acham-se localizadas nas serras que ficam do lado da Venezuela. Permanece grande parte dellas afastadas de convívio directo com os civilizados, com os quaes, no entanto, entretêm commercio por meio da outra parte.

Ha ainda as tribus dos Parocotós, dos Manhondons e dos Tapiócas ou Vayevés, das quaes pouco se sabe.

Vejamos, porém, outra ordem de trabalhos, pelos quaes se manifesta a negada *actuação do Serviço de Indios no Amazonas*. Quero referir-me ás reiteradas intervenções para fazer cessar a escravisação dos indios. Comçarei citando uma passagem bem significativa do livro de Theodor Koch-Grünberg, Von Roroima zum Orinoco. Tem o sabor de ser bem tópica, pois se refere ao Rio Branco. Eil-a:

“No curso medio e inferior do Rio Branco, e de seus afluentes, celebres pelo seu impaludismo, faz-se alguma extracção de borracha; ha, porém, muita falta de braços, por se acharem o rio e as suas proximidades mal povoadas.

“Antigamente, para esse trabalho forçavam-se os indios da região dos campos, os quaes, não habituados ao clima insalubre, morriam em grande numero. Agora, sob o actual regimen humanitario instituido em todo o Brasil pelo Serviço de Protecção aos Indios, semelhante arbitrariedade não mais occorre e é de esperar que tal estado de cousas perdure para o futuro.”

Eis ahi um depoimento bem decisivo; esse corre mundo e é conhecido lá fóra. E' de esperar que se torne tambem conhecido entre os nossos patricios, apesar de redundar em elogio a acção de brasileiros. Mas já que se acha escripto e impresso em allemão, devem ser esperadas delle as maiores virtudes.

Mas, anda em 1923, no proprio municipio do Rio Branco, o Serviço de Protecção libertou tres Macuxys, que se achavam, como escravos, em poder de José Gouvêa Cavalcanti, e restituiu-os á malóca do tuchaua Felismino, no rio Cauamé.

Em Santa Izabel, no municipio de S. Gabriel, rio Negro, libertou uma india e seu filho, que se achavam escravizados ao venezuelano Eduardo Vasquez. E assim procedeu em sete pontos diversos do territorio amazonense, livrando dos ferros da escravidão a 19 indios, homens e mulheres, os quaes foram restituidos, livres, ás suas tribus.

Estes casos referem-se a abusos que se dão em regiões que se acham fóra das zonas de influencia dos nove postos montados e mantidos pelo Serviço; porque em taes zonas a escravisação do indio cessou e os civilizados passaram a tratá-los como homens, e homens livres. Contratam com elles e negociam, como o fazem com qualquer outra pessoa. Dahi resulta, além do mais, a formação de nova maneira dos civilizados conceberem as populações indígenas e de se conduzirem em suas relações com ellas. E tão benéfica transformação da mentalidade *civilizada* traduz-se por muitos factos decisivos, dos quaes mencionarei os casamentos que, sob os auspicios da Inspectoria, se vão realisando entre re-

preentantes das duas populações. Só em 1923 verificaram-se dez destes enlaces, todos effectuados com a rigorosa obediencia das exigencias legais, e cercados os actos respectivos de certa pompa para maior realce do seu alcance educativo.

Merecem igualmente especial menção as escolas, em numero de quatro, mantidas em varios pontos do territorio amazonense, para beneficio da respectiva população indigena. Linhas acima já vimos uma allusão á que funciona em S. Marcos. Direi agora que em 1923 as suas aulas foram frequentadas por 24 representantes dos Macuxys, Jricunas e Uapixanas. Ali, elles aprendem a ler e escrever, a realisar as quatro operações arithmeticas, a cantar o hymno nacional, o da independencia, e exercitam-se em trabalhos de lavoura nas plantações experimentaes do estabelecimento.

Outro campo em que se exercita no Amazonas a actividade do Serviço, é o da protecção ás propriedades, ás malócas e ás terras dos indios, sempre ameaçados de invasão e esbulho por parte de nacionaes e estrangeiros. Assim, por exemplo, em 1923, houve que obstar ao peruano Pedro Aleixo Bettés, chefe de grande turma de caucheiros, que levasse a effeito o seu intento de invadir as terras dos selvicolas dos rios Guariba, Branco e Madeirinha para exercitar a sua devastadora industria extractiva. Houve que garantir aos indios Muras, municipio de Manicoré, a posse de sua aldeia, de onde estavam ameaçados de ser expulsos por Bernardo Francisco de Menezes e outros, associados para esse fim com a firma Quadros Carvalho Ltda., de Manaus. Houve que providenciar para obstar as consequencias e os prejuizos que resultariam para os habitantes da aldeia Jacundahy, rio Canumam, do facto do engenheiro Armando Antongini haver, quando em serviço de medição de terras de um seu committente, removido do seu lugar um antigo marco de demarcação da gleba pertencente áquella aldeia. E como essas, 17 outras intervenções foram realisadas em 1923, todas em beneficio dos indios do Amazonas, onde se disse que o Serviço de Protecção não tem *actuação*.

Mas ainda não é tudo. Ha mais a considerar a enorme actividade que tem sido necessario despende para acudir a todos os pontos do Estado onde se manifestam as tentativas dos açambarcadores dos castanhaes occupados e explorados por indios. Antigamente os ambiciosos eram attrahidos pelos seringaes; a exploração da castanha era menospresada, por ser ella artigo de pouco preço. De algum tempo a esta parte, porém, as situações dos dois artigos inverteram-se: as castanhas passaram a occupar o primeiro lugar nas pautas da exportação do Amazonas. Entraram, pois, os sequiosos de fortuna a ambicionar a posse dos castanhaes, dos quaes muitos se acham em poder das tribus por lhes ter sido isso permitido no tempo em que só se dava importancia á borracha. E como o principio corrente em certa roda é que para fazer fortuna não ha que olhar para obrigações nem embarçar-se com peias Moraes, os candidatos á expolição dos indios lançam mão de mil ardis, uns astutos e geitosos, outros grosseiros e desabusados, para alcançarem do governo estadual designação de agrimensor que vá demarcar as glebas que allegam estar em seu poder e cuja posse pretendem legitimar. No fundo, porém, o ob-

jectivo da manobra nada mais é do que consummar o esbulho das tribus com auxilio e participação activa do governo, da força publica e da legislação corrente.

E todas essas manobras creem para a Inspectoria do Serviço de Protecção, numerosas occasiões de pesquisas para desvendar os ardis usados pelos requerentes, para provar a posse anterior e effectiva dos indios, e para, afinal, obter do governo que não consagre o esbulho. Infelizmente tanto trabalho não consegue mais do que, na maioria dos casos, decidir o governo a sustar a expedição do titulo de propriedade que iria favorecer o açambarcador de terras.

Ao mesmo tempo que assim se applica a neutralisar os effectos desses manejos, vai a Inspectoria tratando de resguardar o direito das tribus ainda não assaltadas, mediante o requerimento, a quem de direito, da legalisação das posses que lhes são reconhecidas. E por esta forma, só em 1923, a repartição conseguiu que fossem expedidos titulos relativos a 30 dessas posses, cujas características, quanto ao nome do lugar, do rio, igarapé ou lago, e do município em que se acham situados, julgo desnecessario consignar aqui; mas encontram-se no relatório de que venho extractando estas notas. Para a promoção do processo necessario á expedição de taes titulos, havia relacionados mais 11 territorios diversos, nos municípios de Borba, Fonte Boa e Coary, com a área global de 8.268 hectares.

Por estarmos neste assumpto de propriedade immovel, occorreme chamar a tua attenção, meu caro amigo, para um effecto muito consideravel que resulta da differença que ha entre os objectivos, os processos e os meios de acção do Serviço de Protecção e os das missões de catechese. Com certeza já terás notado que por toda a parte em que actua, a repartição federal trata de obter e de assegurar a propriedade do solo para os indios e para as tribus que nelle vivem. Isso alcançado, as bemfeitorias e as valorizações resultantes das melhorias introduzidas em taes propriedades, ou permanecem como partes do patrimonio nacional, ou passam a ser bens das populações que o governo visou beneficiar, quando forem ellas emancipadas da tutela protectora e ingressarem no corpo da nacionalidade.

Ao contrario disso, as terras em que se installam as missões, são sempre propriedades privadas, ou de algum membro da missão ou de alguma corporação ou ordem; em todo o caso, nunca pertencem ao indio, nem ás tribus. Assim, por exemplo, viste na representação da municipalidade de Boa Vista, a affirmativa de que o governo estadual doou á ordem beneditina terras do Rio Branco; não diz que a doação foi a indios ou tribus. Viste igualmente que o bispo van Caloen dirigiu ao Ministro da Agricultura uma petição, solicitando que fosse cedida á sua ordem a intitulada fazenda da Capella, parte de S. Marcos, e deve estar lembrado de que elle fundamentou tal solicitação com a necessidade em que estava de assegurar á sua communitade a propriedade plena e pacifica do immovel em que ella iria empregar trabalho e capitaes.

Dahi necessariamente resulta que as populações indigenas, cujo beneficio se visava ou se invocava no inicio de taes installa-

ções, têm sempre diante de si a perspectiva de se verem, ao fim de algum tempo, sem outros bens sinão a posse de suas pessoas e de sua prole. As obras, as construcções, as lavouras, os rebanhos, todas as bemfeitorias, em summa, introduzidas na propriedade pertencem ao dono legal da terra; o indio nella nada mais é do que um hospede, acolhido pela munificencia do proprietario. E como hospede pôde muito legitimamente ser despedido de um dia para outro. Ficará o proprietario a desfructar sósinho o bem estar que o immovel já lhe pôde proporcionar, sem que a ninguém occorra a lembrança de que, sinão todo, pelo menos uma boa parte daquelle bem estar foi adquirido e accumulado á custa de doações e subvenções publicas concedidas na intenção bem declarada de tornar possível soccorrer o hospede despedido.

E muito mais cedo do que se pôde pensar, operam-se taes transformações. Assim, os estabelecimentos salesianos de Matto Grosso: dos cinco que, ha annos, se diziam destinados a catechisar e abrigar familias de indios Boróros, ou a ensinar agricultura aos jovens dessa tribu, ou ainda a receber os adultos que se encontrassem com disposições favoraveis á aprendizagem de artes manuaes e industriaes, só um, si me não engano, permanece na primitiva direcção. Dos outros, um foi vendido (e nelle havia installações mechanicas cedidas pelo Governo Federal, tiradas da antiga fabrica de polvora de Caxipó), e os restantes têm actualmente destino e applicação bem util e proveitosa, mas diversa da invocada a principio.

Mas volvendo ao que vinhamos dizendo a respeito do Estado do Amazonas, quando vejo, de um lado a somma de trabalhos realizados pela Inspectoria de Indios, mesmo num periodo tão curto como o que acabamos de percorrer, e, de outro lado, de frente com affirmações como essas que foram pronunciadas na Camara, e que revelam o total desconhecimento que ha entre nós desses mesmos trabalhos, fico tomado de admiração, sem saber como explicar o facto. Seja qual fôr, no entanto, essa applicação, uma cousa fica, parece-me, fóra de qualquer duvida: é que o Serviço está muito longe de produzir em torno de sua obra e de sua acção o estardalhaço que vi algures insinuado muito clara, mas tambem muito injustamente contra elle.

Não ha, evidentemente, o supposto estardalhaço. Nem mesmo ha a ponderada e necessaria publicidade, a que seria não só legitimo, mas util que existisse. Muita cousa que importamos do estrangeiro, como novidades e revelações sobre a nossa terra e a nosso povo, nós o poderiamos saber melhor e mais depressa da penna de patricios nossos. Não o sabemos, porque os archivos das nossas repartições são inviolaveis sepulchros onde nunca penetra um raio de luz que evoque para a vida tantos productos valiosos, que nelles jazem, da operosidade e da lucida intelligencia de muitos brasileiros amantes e dedicados servidores da sua Patria.

Todavia, é força convir que não só a essa falta de publicidade se ha de imputar o desconhecimento dos nossos patricios, e principalmente dos nossos homens publicos, no que toca aos feitos dos brasileiros pela vasta extensão do nosso territorio. Ha de haver ahí outras influencias, que não alcanço descobrir.

Só por ellas se poderá, talvez, explicar o que se verificou na Camara em torno do nome do Sr. Joaquim Gondim, citado como autor de livros e de artigos de jornaes dedicados a dar noticias dos trabalhos realizados pela Inspectoria de Indios no territorio do Amazonas. Prevendo de longe que ia ser invocado o testemunho desse escriptor, em abono da repartição atacada e deprimida, acudiu logo um representante do Estado com o seguinte aparte: "*O Sr. Gondim é meu amigo, é um moço intelligente, mas é um empregado da Inspectoria.*"

Fico interdito, sem atinar com o valor que deva dar á adversativa que se encontra nessa sentença. Querera ella significar que um desses amigos, por bem conhecer o outro, está em condições de melhor avaliar o pouco apreço em que se deve ter o testemunho deste outro?

Parece-me odioso tal entendimento pelo uso nada carinhoso que elle presuppõe da invocação feita aos laços da amizade. Recuso-o, pois. Mas, nesse caso, afigura-se-me forçada esta outra comprehensão: O escriptor era homem veraz; eu o sei porque sou seu amigo. Mas accitou ser empregado da Inspectoria, já não merece ser crido.

Por esta fôrma, salva-se a invocação á amizade; mas o odioso surge sob outra fôrma, que é mais monstruosa pela extensão que dá ao numero de cidadãos inquinados da suspeita de se terem degradado e corrompido só pelo facto de terem accedido em occupar um cargo na administração do paiz.

Que mundo ha ahi de clamorosas injustiças! Bem sabes, meu amigo, quantos dos que se acham no Serviço de Indios para elle entraram abandonando posições já conquistadas, nas quaes não lhes faltariam prosperidades e honrarias. Que posição se alcança nesta repartição, que não seja com a mesma, ou com maior facilidade conquistavel, pelos seus funcionarios ou empregados de qualquer titulo ou cathegoria, nas demais repartições publicas, no commercio, na industria ou na lavoura? Porque especie de interesse ficariam, pois, tão subjugados esses cidadãos que, pelo empenho de conservarem o emprego, entrassem a sacrificar o brio, a dignidade de suas pessoas e até o simples amor proprio?

Não! Não são moveis mesquinhos e degradantes que impellem os empregados do Serviço de Indios a arrostar trabalhos e situações nos quaes passam privações de toda sorte, contraem doenças mortíferas e põem em jogo a cada instante as suas vidas. O interesse sordido seria incapaz de conduzir qualquer homem a accetar, voluntariamente, os perigos, os sobresaltos e transeos terriveis que se passam nos postos de pacificação, por occasião dos primeiros contactos com uma tribo guerreira. Darei um exemplo do que isto é, com o seguinte extracto de um relatorio, datado de Março de 1923, do encarregado do posto de pacificação dos Parintintins ao Inspector do Amazonas. E' documento escripto por homem simples, modesto diarista, que poderia muito socegradamente ganhar sua vida em qualquer *bar-racão* de seringueiro ou em qualquer castanhal; a quem, portanto, nenhum interesse de ordem puramente pessoal obrigava a

sujeitar-se á difficilima situação em que o vamos vêr mergulhado, com os seus 11 companheiros.

Os acontecimentos descriptos occorreram nos mezes de Fevereiro e Março, partes integrantes do muito conhecido periodo de inicio de cada exercicio financeiro da Republica, durante o qual os serviços federaes nos Estados ficam paralyzados por privação absoluta de recursos financeiros.

Eis a narrativa do relatório, na qual introduzi algumas modificações de redacção exigidas pela necessidade de resumir e abreviar:

“De 4 de Fevereiro a 26 de Março, tivemos a visita de 326 indios, não incluindo nesse numero as crianças de menos de cinco annos.

“Para aqui chegarem, viajaram elles durante seis dias seguidos, atravessaram enormes igapós e igarapés inundados, sempre fustigados por chuvas torrencias. Vieram curtindo fome, visto ser tempo de escassez de fructos, de caça e de peixes. Aqui encontraram amigos, coberta, lenha secca para o fogo e alimentos.

“Mostram-se bastante condescendentes e dispostos a compartilhar connosco da penuria que estamos atravessando. Passaram revista em todos os compartimentos do Posto, e certificados de que ha falta absoluta de brindes e de generos alimenticios, resignaram-se a esperar a chegada da embarcação que nos deve reabastecer.

“Mas esperam impacientes. Ao menor rumor na floresta, mesmo alta noite, correm para o rio, gritando: Ehad! Ehad! (canôa! canôa!). Desenganados, voltam tristes: Ndury! (não vem!).

“Agora, imagine o senhor Inspector que desconsolo será, si a embarcação esperada com tanta anciedade, chegar sem nada para elles. O desconsolo não será só delles, mas tambem de todo o pessoal, e muito especialmente do encarregado, que é, aos olhos de todos, o responsavel pelos contratemplos que occorrem.

“Nós, os que trabalhamos neste Posto, isolados por completo de qualquer convívio com gente da nossa civilização, somos tão poucos (12 homens apenas) que desaparecemos no meio desta grande agglomeração de indios. São elles que dão movimento e vida ao nosso estabelecimento. Dias e noites seguidos, semanas a fio, numa actividade nervosa, ouvem-se o choro, o rumor das danças, a gritaria, as risadas, as exclamações, o tropel das correrias desabaladas, a vozeria, ás vezes infernal, que faz lembrar um grande mercado em que a multidão acotovela-se, empurra-se, irrita-se e debate-se.

“Entre elles ha quatro homens, duas mulheres e tres crianças que fazem agora a sua primeira visita ao Posto. Os homens, completamente pintados de branco com listas de carvão, e adornados de lindos kanitares, approximaram-se de mim saltando gritos e preparando as flexas como se me quizessem atacar. Segurei, resolutos, o braço do que me ficou mais proximo, e perguntei-lhe o que desejava. Respondeu que queria terçados e que estava resolvido a cortar-me a cabeça si o não satisfi-

zesse. Como o havia de satisfazer, si nada tínhamos no Posto? Não o satisfiz, pois, mas, dois dias depois elle era tão meu amigo que deixava a familia do outro lado do Pontal para vir pernoitar no Posto commigo.

“A’s 8 horas da manhã de 20 de Fevereiro, chegou novo grupo de indios, composto de homens, mulheres e crianças. Disseram-me que uma india havia sido picada de cobra e pediam-me que lhe fosse *soprar* a ferida. Ella vinha para o Posto, mas tinha sido forçada a interromper a viagem.

“Parti em soccorro da doente, provido de soro anti-ophidico e seringa de injeção. Acompanhavam-me dois indios, que se prestaram a servir-me de guias. Levava o meu rifle. A meio caminho notei que conversavam com certa vivacidade, como si alguma cousa os preoccupasse muito. De repente um delles parou e perguntou-me si eu o não atiraria pelas costas. Por unica resposta entreguei-lhe o meu rifle e passei para a frente. E assim continuamos a marcha até o tapiry onde se achava a doente e outros indios.

“Terminado o que ali me levava, regressamos ao Posto, sem outra novidade sinão maior cordialidade e maior animação nas conversas entre mim e os meus guias.

“*Uma caveira humana* — Em dias do mez de Março, o indio Moangui zangou-se commigo por falta de brindes. Teimava em que eu lhe havia de dar um terçado, e como era impossivel attendel-o, entrou a ameaçar de me cortar a cabeça. Desceu ao porto, e rebuscando no fundo da sua canôa retirou della uma caveira, amarrada com cipós. Suspendia-a com a mão esquerda, o braço estendido, e entrou a dançar á vista de todos nós; enquanto isso, com a mão direita fazia gestos para explicar que assim havia de dançar com o meu craneo. Tal scena causou profunda impressão nos meus companheiros, e deu lugar a noites de pavor. Depois soubemos que varios indios possuem cabeças cortadas, de inimigos vencidos em combates, e as guardam como trophéos a que dão o nome de *Akanvera*.

“A esse tempo, estavam sem generos alimenticios, sem kerozene e sem munições para as armas de fogo; passavamos miseria, sem termos para quem appellar, e reduzidos a comer feijão puro, com agua e sal, sem farinha.

“O pessoal, cheio de anciedade e de tristeza, achava-se em completa escuridão desde que anoitecia, e tomado de maus sentimentos, tinha visões de espectros e assombros. Alta noite, os homens, presos de apavorantes pesadelos, acordavam sobresaltados, dando gritos estridentes. Certa vez houve verdadeiro panico: parecia que os indios estavam atacando o Posto. Verificada a illusão de tudo aquillo, entraram os nossos homens a ter medos supersticiosos, pensando que seria tudo obra da caveira trazida pelo indio. Na realidade, porém, eram puros effeitos do estado de fraqueza physica, proveniente da falta de alimentação, e do abatimento moral provocado pelo isolamento em que nos achavamos.

“Os dias passavam-se, e só a nossa miseria não tinha fim. Cada vez tornava-se mais ameaçadora; só nos restava meia barrica de feijão. Para 12 homens, que tantos eramos os da guar-

nição do Posto, esse alimento só daria para mais 10 dias. Mas nós não queríamos abandonar o estabelecimento.

“Da lancha que esperavamos, nenhuma noticia! Para incutir animo aos meus homens ,dei-lhes arcos e flexas e incitei-os a exercitarem-se no seu manejo. Indiquei-lhes como alvo uma arvore de tucumam, cujos fructos deviam ser derrubados; aproveitariamos a amendoa como alimento. Mas logo associaram-se-nos os indios, e com a immensa vantagem da sua incontestavel pericia no jogo do arco e flexa, dentro de pouco tempo nos deixaram sem fructo nenhum.

“A’ vista do desanimo e do desespero geral, reuni o pessoal, expuz-lhe que não podiamos, que não deviamos abandonar o Posto. Pelo que, eu baixaria até o Posto Indigena do Maicy, para de lá trazer alimentos. Todos acceitaram o meu alvitre e comprometteram-se a sustentar a paz com os indios durante a minha ausencia. Parti, pois, com dois trabalhadores e dois indios, que pediram transporte em nossa canôa até os seus tapirys na margem esquerda do rio.

“Viajei noite e dia, ininterruptamente, debaixo de fortissimo aguaceiro. A 20 de Março cheguei ao “Posto Indigena” e nesse mesmo dia regresssei, com boa carga de canna para os indios, xarque, farinha, assucar e outros generos para o pessoal. A farinha que trouxe daria bastante para mim e meus companheiros; mas ha os indios, a quem cumpre dal-a ás mãos cheias, afim de attenuar a má impressão da falta de brindes.”

Depois destas linhas, não preciso juntar mais nada para mostrar como os empregados do Serviço de Indios sabem seguir o excelso programma que lhes pretraçou o seu Patrono Subjectivo, o Patriarcha José Bonifacio, quando prescreveu que — “os meios de que se deve lançar mão para a prompta e successiva civilisação dos indios é *brandura, constancia e soffrimento de nossa parte.*” — Só assim, ensinou Elle, poderemos vencer a diffiuldade — “de adquirir a sua confiança e amor; porque elles nos odeiam, nos temem, e, podendo, nos matam e nos devoram. Mas havemos de desculpal-os; porque com o pretexto de os fazermos christãos, lhes temos feito e fazemos muitas injustiças e crueldades.”

Não é, no entanto, da parte delles que nos vêem os maiores obices e as iniquas hostilidades. Já nos seculos passado, os filhos de Santo Ignacio de Loyola, por interporem a sua acção protectora a favor delles, contra a desenfreada e barbara cobiça dos colonos, tiveram de curtir os amargos transe de se verem expulsos de S. Paulo, do Pará e do Maranhão. E ainda hoje, quando queremos retemperar a nossa coragem ao fogo de um grande e magnanimo exemplo, soccorremo-nos da palavra do incomparavel Vieira:

“No sangue e suor dos indios, escreveu elle, andam interessados o povo, as religiões, os donatarios das capitánias e outros muitos, todos unidos contra nós, que nós defendemos a me-